

Encenação des-primorosa, cheia de falhas graves, interpretação anêmica, de amadores bisinhos, podem falsear o espírito do autor e derreter o estilo da peça. Ao assistir, recentemente,

à representação de "Vestire gli ignudi" por um grupo de amadores inexperientes, imaturos, dirigidos por um encenador que não penetrara a fundo no sentido da peça, ficando pela rama, boiando na superfície e fazendo com que o drama de Pirandello parecesse uma comédia de boulevard, imaginamos que quem não conhecesse Pirandello poderia, pelo espetáculo, fazer juízo errôneo, leviano e até mesmo desfavorável do grande mestre siciliano. Na música e no bailado sucede o mesmo. Que se diria de uma sinfonia de Mozart tocada por músicos que mal soubessem afinar os instrumentos?

O fato de "História do Soldado", de Stravinsky e Ramuz, ser levada raramente ao palco só encontra explicação nas inúmeras dificuldades da montagem. Trata-se de peça musical-teatral-coreográfica de extraordinário valor e que, não obstante haver decorrido trinta anos da data de sua criação, ainda espanta pela riqueza de idéias teatrais, musicais e coreográficas, todas com forte dose de algo extremamente moderno, atual.

As dificuldades da encenação nascem da própria estrutura e movimento da peça. Teatro, música e dança, tudo isso aparece reunido em espetáculo único. Basta um relance d'olhos na relação dos intérpretes para imediatamente se verificar até que ponto o elemento humano desempenha na "História do Soldado" capitalíssima função: um regente, sete professores de orquestra (violino, clarineta, contrabaixo, fagote, pistão, trombone, percussão), dois atores (o Diabo e o Narrador), um mimo (o Soldado), uma dançarina (a Princesa), um bailarino (o "double" do Diabo), três bailarinas, um coreógrafo, um cenógrafo, um figurinista.

Ninguém dirá que não se encontrem em S. Paulo todos esses elementos humanos, embora o teor técnico e artístico possa variar muitíssimo entre eles, com altos e baixos desnivelantes. No entanto é exatamente o equilíbrio, um impecável e perfeito equilíbrio entre todos os intérpretes, o único fator capaz de oferecer ao público uma imagem

TEATRO

"História do Soldado"

— 1 —

cênica fiel do que seja a obra do eminente compositor russo, o maior do século. Stravinsky insistia na organicidade da obra, exigia execução primorosa e um

tom que não se apagasse ou se ofuscasse no estilo da peça. De que maneira se poderia satisfazer o desejo de autor se não com músicos, atores e bailarinos de excelente classe, a bem dizer autênticos virtuosos? Não se pode negar que alguns dos intérpretes são profissionais competentes, até mesmo mestres no ofício, como Antonio Ceceato (trombone), Dino Pedini, (pistão), Mauricio Ferreira (contrabaixo), Ernesto De Lucca (percussão), Alfredo Volpi, embora não seja propriamente um cenógrafo, é excelente pintor. Felipe Wagner é ator dotado de certo poder histriônico, possuidor de voz sonora e obediente, que se submete às inflexões que Wagner deseja. Na coreografia de Adriano Real transparece língüico espírito da música stravinskiana e do estilo da dança que lhe convém. Nelson Duarte dá apenas uma amostra de mimo, permanecendo distante de uma conduta cênica perfeita. Márka Gidali, Neide Rossi e Iolanda Verdier, antigas bailarinas do "Ballet IV Centenário", executam de maneira um tanto automática, mecânica, as marcações dançantes de A. Real.

Considera-se ainda que o texto falado, escrito em francês e harmonizado com a música, passou ao vernáculo, em verso. Conjugado com a música, que não lhe faz fundo musical, antes se identifica com as palavras, como se fosse letra de um canto, não será o texto de Ramuz, por força de tais condições, intransponível para o vernáculo?

Ausência de unidade, deficiente encenação, insatisfatória interpretação da maioria dos participantes não conseguem colocar o espetáculo no mesmo plano da obra de Stravinsky. Seria exagero, porém, afirmar que o malogro é total, pois salva-se, acima de tudo, a coragem da iniciativa do "Movimento Ars Nova" e o mérito de revelar ao público, ainda mesmo que imperfeitamente, a "História do Soldado". Que valha a experiência. E que, no futuro, tentativas desse gênero produzam resultados mais convincentes, a fim de que o "Movimento Ars Nova" possa conquistar prestígio artístico.

NICANOR MIRANDA

DIÁRIO DE SÃO PAULO